

FHC sem votos de antigos aliados

GAZETA MERCANTIL

por Eliane Cantanhede
de Brasília

Quando estreou no Senado, em 1983, o festejado sociólogo Fernando Henrique Cardoso logo conquistou, sem pedir, uma espécie de comitê informal de jovens deputados de esquerda, os "capuchinhos", que pretendiam um dia lançá-lo à Presidência da República. Onze anos depois, entretanto, eles se dividiram entre diferentes candidaturas presidenciais e apenas um, Arthur Virgílio Neto, do Amazonas, é do PSDB e faz campanha aberta para Fernando Henrique.

Os "capuchinhos" receberam esse apelido dos veteranos do Congresso, porque eram jovens (em torno dos 30 anos de idade), tinham mania de fazer reunião para tudo e, ainda por cima, eram quase todos barbudos. Eles estavam em primeiro mandato e haviam optado pela frente PMDB na reformulação partidária de 1979, como Fernando Henrique, e não pelo ideológico PT, como fizera Luiz Inácio Lula da Silva, o líder sindicalista que despontava no "ranking" político pós-ditadura.

Além de Arthur Virgílio — que trocou a carreira de diplomata pela política, chegou em 1986 à prefeitura de

Manaus e agora está com a eleição praticamente assegurada para a Câmara dos Deputados — os outros "capuchinhos" de 1983 eram: Dante de Oliveira e Márcio Lacerda, de Mato Grosso; João Hermann Neto e Márcio Santilli, de São Paulo; Jackson Barreto, de Sergipe; e Domingos Leonelli, da Bahia. Também fazia parte do grupo, apesar de um pouco mais velho e não ter barba, o baiano Virgildásio de Sena. Os oito eram da chamada "ala independente" do PMDB, com tendência socialista.

Uma das tarefas delegadas ao grupo pelo então presidente do partido, Ulysses Guimarães, foi a de organizar a campanha das "diretas já", em 1984, criando comitês e mobilizando os jovens, principalmente. Nada mais justo. Afinal, o autor da emenda constitucional que previa eleições diretas naquele ano para presidente da República era um dos "capuchinhos": o altíssimo e agitado Dante de Oliveira. Sua emenda foi renovada pelo Congresso por um punhado de votos. Mas criou as condições para a eleição indireta do oposicionista Tancredo Neves.

Prefeito de Cuiabá até se desincompatibilizar, em maio deste ano, com altos índices de popularidade,

Dante foi o favorito para estas eleições ao governo de Mato Grosso desde o início. Mas no PDT. Logo, apoiando formalmente a candidatura presidencial de Leonel Brizola. Seu único cuidado foi abrir o palanque para todos os demais presidenciais, inclusive o velho guru Fernando Henrique. Na solidão da urna, ontem, em qual dos dois — Brizola ou FHC — terá votado? o vice na chapa de Dante foi Márcio Lacerda, do PMDB, que por fidelidade partidária apoiou Oréstes Quércia.

João Hermann Neto, o grandalhão e mais atrevido do grupo, é candidato ao Senado pelo PPS de São Paulo. Com base eleitoral em Piraicaba — "a capital do mundo", como brincavam os outros "capuchinhos" — não teve a menor chance. E também não votou em Fernando Henrique. Ele tentou até o fim articular a aliança PT-PSDB-PPS nestas eleições. Como não deu certo, ficou com o PT e com Lula. "O Fernando tinha tudo para ser a alternativa de toda uma geração, mas jogou tudo fora com essa aliança esdrúxula com o PFL", reclama.

O outro paulista, Márcio Santilli, está atualmente envolvido com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e faz a ponte aérea entre Assis (SP) e Brasília. Mas passando ao largo da política eleitoral. Já o sergipano Jackson Barreto foi prefeito

de Aracaju, conviveu com sucessivas denúncias de corrupção e, segundo todas as previsões, deverá perder a eleição para o governo do estado. Filiado ao PDT, ele primeiro apoiou Brizola e já no fim mergulhou na campanha de Lula.

O baiano Domingos Leonelli, considerado o "boa praça" da turma, relutou muito em entrar no PSDB, "porque era um partido indefinido, sem ideologia". Mas ao longo de um ano sem filiação partidária e sem alternativa, acabou aderindo aos tucanos. Só que, mesmo assim, não fez campanha para FHC e sim para Lula. A seção do PSDB na Bahia foi a única em todo o País que se rebelou formalmente contra a aliança com o PFL e abriu dissidência em favor do PT.

"Foi uma decisão dura, doída", disse Leonelli ontem. "O Fernando era nossa principal referência, a alternativa da esquerda moderna, uma personalidade da esquerda internacional. Mas com o Antônio Carlos Magalhães?", condenou. Leonelli, bem colocado na disputa pela Câmara dos Deputados, faz questão de lembrar que representa a revista "Socialismo do Futuro" no Brasil. Trata-se de uma publicação vinculada ao Partido Socialista Espanhol e o mais interessante é que ele foi indicado para a vaga justamente por FHC. Em quem, provavelmente, não votou.